

B. F. SKINNER – OS ÚLTIMOS DIAS<sup>1</sup>

Julie S. Vargas<sup>2</sup>

Meu pai sempre falava com admiração e respeito sobre a morte de seu avô. “Ele morreu trabalhando”, dizia, com aprovação. Às vezes, acrescentava: “É assim que eu quero partir”. Bem, ele chegou perto.

Nos últimos meses de sua vida, meu pai manteve o padrão de sua “aposentadoria”: levantar-se cedo para escrever, café da manhã, uma caminhada, encontros com visitantes e cuidar da correspondência até a hora do almoço. As tardes ele geralmente passava relaxando com música e leituras leves, preparando-se para o trabalho da manhã seguinte. Até a sua morte, a correspondência nunca diminuiu. Inevitavelmente, entre as cartas de colegas profissionais, ele recebia algumas cartas de estudantes secundários, pedindo que explicasse sua obra. Pessoas que escrevem para profissionais de destaque nem sempre estão bem informadas. Dizem que o Senador Kennedy certa vez recebeu uma carta que dizia: “Eu o escolhi como meu senador favorito. Você pode me dizer por quê?” As cartas ao meu pai não eram muito melhores. Não obstante, ele as respondia todas, sugerindo educadamente que, caso verificassem nas bibliotecas de seus colégios, provavelmente encontrariam um livro chamado *Walden Two* ou *Ciência e Comportamento Humano*, que responderia às perguntas.

Oito dias antes de sua morte, como os leitores desta revista provavelmente sabem, meu pai recebeu, da *American Psychological Association*, a primeira *APA Citation for Outstanding Lifetime Contribution to Psychology*.<sup>3</sup> Os representantes da Associação haviam assegurado à família que manteriam meu pai afastado da multidão – fato importante devido à sua elevada suscetibilidade a infecções, em decorrência da leucemia – e cumpriram o prometido. “As treze horas, no dia 10 de agosto, uma limusine apareceu na casa dos Skinner, para levar nosso grupo até o hotel da convenção. Lá, fomos recebidos e acompanhados, em um elevador particular, até um quarto do hotel, “como astros de cinema”, comentou meu pai. Alguns minutos antes da sessão de abertura, fomos conduzidos para baixo novamente e levados, através de um corredor secundário, até a porta lateral do auditório. Quando entramos, eu estava segurando o braço do meu pai. A sala estava lotada. Fora aberta uma segunda sala lateral e também ela estava transbordando. Quando demos dois passos para dentro da sala, todos se levantaram e começaram a aplaudir. Meu pai acenou com a cabeça, um tanto encabulado, enquanto continuava caminhando – percebi que ele não previra tal recepção. Os aplausos eram ensurdecadores. Continuaram enquanto nos encaminhávamos até o pé da escada no meio do palco. Continuaram enquanto meu pai subia os degraus. Continuaram, sem redução, enquanto meu pai era acompanhado através do palco até o seu lugar. Ele voltou-se e inclinou

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em *Journal of Applied Behavior Analysis*, 23(4), 1990. Traduzido por Noreen Campbell de Aguirre para publicação no boletim ABPMC Contexto, nº 29 – maio/2004

<sup>2</sup> Julie Skinner Vargas, filha de B. F. Skinner.

<sup>3</sup> Homenagem por toda uma vida de eminente contribuição à Psicologia.

gentilmente a cabeça, mas não havia sinal de que os aplausos cessariam. Finalmente, funcionários da APA interromperam os aplausos e deram início à programação. Depois de 50 minutos de preliminares, chegou o momento de meu pai receber a homenagem. Fiquei feliz por ele ter decidido não usar um texto e nem mesmo anotações, pois a luz ofuscante das câmeras das equipes de TV o impossibilitaria de enxergar o que fosse. Ele começou: “Presidente Graham, ex-Presidente Matarazzo, distintos convidados, senhoras e senhores...”<sup>4</sup> Ele falava suavemente, da maneira que eu o ouvira falar em diversas convenções, citando nomes e datas que eu teria dificuldade de lembrar. O discurso voltou-se para a cisão na psicologia, “uma parte seguindo na direção de encontrar a essência do sentimento, a essência do processo cognitivo, e outra indo em direção de referências a contingências de reforçamento”. Ele fez uma analogia entre a dificuldade de aceitação da seleção natural de Darwin e a dificuldade de aceitação da seleção pelas consequências, do próprio Skinner, culminando com a afirmação: “No que me diz respeito, a ciência cognitiva é o criacionismo da psicologia”. Foi possível ouvir toda a audiência prendendo a respiração. Alguns poucos aplausos se fizeram ouvir aqui e ali. (Claramente, a cisão não era 50-50) Skinner continuou, terminando em pouco mais de 15 minutos – como havia planejado. Depois de ser acompanhado escadas abaixo (mais uma vez sob aplausos), ele se retirou. Acredito que assim também o fez quase todo o restante da audiência.

Durante o final de semana, meu pai trabalhou no ensaio do qual foram retiradas suas observações. Faria parte da *The American Psychologist* e ele estava ansioso por terminá-lo. Conversamos sobre o futuro, em que ele trabalharia a seguir. Ele não achava que teria tempo de completar o trabalho que fizera sobre as derivações das palavras ou para colocar em forma de artigo o material de um livro sobre ética que iniciara, mas do qual desistira. Como veio a acontecer, ele estava certo a respeito do tempo.

Na manhã de segunda-feira, meu pai teve uma entrevista de uma hora com Dan Bjork, um historiador que estivera trabalhando em sua biografia. À tarde, levei-o para sua habitual transfusão de plaquetas. Naquela noite, eu estava trabalhando no gabinete que montara em um quarto de despejo no porão, quando recebi um chamado. Era meu pai. “Julie, você poderia vir até aqui?” Corri até o seu escritório, onde o encontrei tremendo sob vários cobertores, em sua cadeira reclinável. Entrei em pânico. Os sintomas eram iguais aos que, certa vez, o levaram a um coma. Não conseguindo falar com um médico, disquei 911. Quando a ambulância chegou, ele estava se sentindo melhor, embora seu coração estivesse acelerado. A equipe da ambulância colocou-o em uma máscara de oxigênio e tomou várias outras providências, consultando pelo telefone os médicos de seu hospital. Meu pai não queria voltar para o hospital; assim, como ele parecia estável, a equipe partiu. O oxigênio o fizera sentir-se melhor, portanto instalei um velho tanque que ele conservara há anos. Encorajei-o a ficar sentado, porque seu coração ainda estava disparado, e a posição sentada causa menos

---

<sup>4</sup> Todas as citações são de comentários feitos de improviso por B. F. Skinner ao receber a homenagem da APA na sessão de abertura da 98ª Convenção Anual da *American Psychological Association*, em 10 de agosto de 1990, em Boston, Mass., EUA.

esforço ao coração. Ele concordou e pegou um livro para ler. Montei uma cama portátil em seu escritório e trouxe meu violão. Durante uma hora, toquei para ele todas as peças clássicas que eu sabia tocar razoavelmente bem. Isso lhe agradou. Fazia algum tempo que ele não me ouvia tocar e comentou sobre a “riqueza” do som. O oxigênio e eu terminamos mais ou menos ao mesmo tempo. Mais tarde, em sua cama, um cubículo de dormir de modelo japonês no canto mais afastado de seu escritório, nós conversamos. Eu me sentei na beirada da cama, segurando sua mão, como tantas vezes, de olhos úmidos, ele segurara a minha ao colocarme para dormir quando criança. A diferença era que, desta vez, ambos tínhamos lágrimas nos olhos.

Ao despertar na manhã seguinte, encontrei-o acordado, mas fraco. Apesar de meus pedidos, ele recusou-se a cancelar uma equipe de TV agendada para filmar para o noticiário daquela noite. Na quarta-feira pela manhã, outra entrevista. Naquela tarde, ele deu entrada no hospital pela última vez. Mas, um dia antes de morrer, ele trabalhou nas últimas modificações de seu trabalho para a *The American Psychologist*. B. F. Skinner era membro da *Hemlock Society* (“Sociedade Cicuta”) e acreditava no direito de tirar a própria vida. Ele fizera um testamento em vida e, no hospital, mais uma vez recusou recursos “heróicos” de sustentação da vida, que poderiam ter prolongado o funcionamento de seus órgãos. Perto do fim, sua boca estava seca. Depois de receber um gole de água, ele pronunciou sua última palavra: “Maravilhosa”.